

ROLINHO E PORRADA PODE PROFESSOR?

MARCELO FERREIRA LIMA



“

Passado” o isolamento social vivenciado no momento pandêmico, ficaram e ainda se tem, inúmeras questões sobre as ações humanas em diversos espaços e tempos distintos. Em graus diferentes, algumas mudanças ocorreram e ainda ocorrem em diversos setores da sociedade como um todo.

Nestas alterações, por vezes drásticas, a escola como um todo, precisou reinventar determinadas ações pedagógicas entre outras. Desta forma, tais mudanças “balançaram” toda a estrutura.

Neste conflituoso momento, os setores educacionais partiram para suas possibilidades diversas. Sendo assim, o Centro Paula Souza (CPS) junto ao Grupo de Formulação e Análise Curricular (GFAC) elaboram documentos que ainda merecem revisões, como o currículo identificado como Plano de Curso (PC) para todos os cursos das mais de 220 escolas pelo estado de São Paulo.

É uma estrutura complexa que revisa de tempo em tempo o PC de cada curso a partir das demandas das escolas. Significa dizer que para ter um curso na unidade escolar ETEC, que tem autonomia para pesquisar e solicitar a partir de certos resultados, é preciso inúmeros pontos para a inserção de determinado curso na unidade escolar. Partindo disto, certos resultados anteriores foram analisados e assim foi solicitado e atendido pelo CPS a abertura de um novo curso na ETEC José Rocha Mendes (JRM).

Este curso é identificado como Ensino Médio Integrado ao Técnico (M-TEC). Curso que é oferecido, na JRM, no período vespertino apenas. Lembrando que para a entrada nos cursos das ETECs o processo de “vestibulinho” voltou a ser utilizado. No período pandêmico o processo se deu por meio de histórico escolar.

Outra questão muito importante é a “complexa matemática” cursos X turmas X quantidade de docentes. Por muitos anos, pelo menos 9, não houve concurso público para todas as áreas. Poucas escolas que já tinham autorização o fizeram. Diferente de outras instituições, a ETEC tem autonomia para organizar e planejar esta questão em prol de sua necessidade. Desta forma, outra possibilidade se amplificou, o do contrato identificado como “determinado” onde a/o docente tem apenas um ano de trabalho e, dependendo de inúmeros casos, pode se ampliar para mais um.

Neste vai e vem conturbado a turma, primeira série, do curso de automação, recém incorporada a JRM não teve docente para as aulas de Educação Física (EF) por um tempo. Só depois de uma série de revisões na organização entrei para ministrar aula nesta turma.

No segundo semestre de 2022 iniciei as aulas com esta turma que contava com 40 pessoas, sendo majoritariamente composta pelo gênero masculino e contendo cinco pessoas do gênero feminino e um aluno com acompanhamento psicopedagógico.

AÇÕES INICIAIS

Os documentos vigentes para a ação docente, Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Plano de curso vigente para o curso e turma, pelo menos até o presente momento, seguem a BNCC e o Currículo Paulista. Assim, para este curso o PC apresenta suas competências e habilidades para o curso e turma como segue:

Figura 1 - Plano de curso PC do curso de automação - Educação Física

1ª EDUCAÇÃO FÍSICA	
Função: Representação e comunicação	
Atividades e Realizáveis/realizáveis	
Objeto: História e prática da atividade física para educação e valorização da cultura corporal	
Metas e Atributos	
Investigar atitudes de autonomia. Realizar ações que promovam o respeito. Valorizar atitudes que contribuam para a convivência saudável.	
Competências	Habilidades
1. Analisar práticas corporais e atividades físicas durante as atividades.	1.1 Enumerar elementos básicos da ginástica rítmica. 1.2 Identificar aspectos fundamentais para a realização das práticas rítmicas. 1.3 Registrar observações durante as práticas de exercícios. 1.4 Identificar as noções das principais condições físicas de atividades físicas. 1.5 Realizar práticas corporais.
2. Analisar as diferentes manifestações da cultura corporal e suas linguagens como meio de interação social.	2.1 Ampliar as capacidades motoras. 2.2 Identificar características gerais das atividades rítmicas. 2.3 Identificar atividades corporais de cultura rítmica. 2.4 Realizar os elementos da cultura corporal.
3. Analisar aspectos do desenvolvimento regular e coletivo na convivência e nas práticas corporais.	3.1 Aplicar, de forma segura, os procedimentos corporais e artísticos na prática de atividades físicas. 3.2 Participar do desenvolvimento de tarefas coletivas, considerando de maneira sólida e saudável. 3.3 Participar de práticas corporais coletivas respeitando as principais convenções.
4. Abordar posturas biomecânicas nas atividades corporais coletivas.	4.1 Participar de atividades coletivas, observando diferentes regras, considerando as possibilidades e as diferenças individuais. 4.2 Demonstrar atitudes de respeito e cooperação para solucionar conflitos no contexto das práticas corporais. 4.3 Discutir e adaptar regras, utilizando técnicas físicas para a escolha, organização e funcionamento de equipes.
Observações	
Faz um RCI de Práticas Corporais que se manifestam em diferentes variedades de cultura corporal de recreação. O conteúdo deve estar em acordo com as reais condições em que trabalhará, sendo em desenvolvimento, considerando as condições locais da Unidade de Ensino e os recursos dos quais dispõe.	

Fonte: <http://cpscetek.com.br/gfac/plano.php>

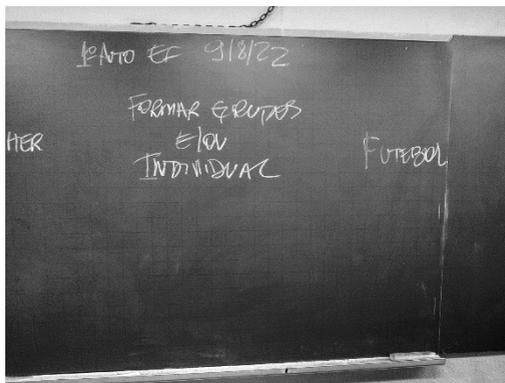
Relacionando com o PPP da unidade escolar, decidi elaborar uma proposta de ensino que contribuísse para desenvolver a competência: *Analisar as diferentes manifestações da cultura corporal e suas linguagens como meio de interação social*. Visto este primeiro movimento, que por sinal não é só neste momento, ou seja, é retomado quantas vezes forem necessárias, outra relação foi construída, com o mapeamento.

A partir de observações anteriores e com mapeamento sobre a prática corporal iniciamos dialogando sobre futebol por dois motivos. Primeiro relacionando com a copa do mundo de futebol masculino. Segundo, por observar as práticas de parte desta turma nos corredores, na quadra no momento do almoço e nos espaços “vagos” da escola. Sempre com uma bola de futebol e ou algo que pudesse servir como objeto para as brincadeiras.

Com isso, alguns pontos foram inicialmente registrados sobre a leitura que a turma tinha, ou tem, sobre a prática corporal de futebol. Continuamos a registrar as leituras e debates sobre esta prática.

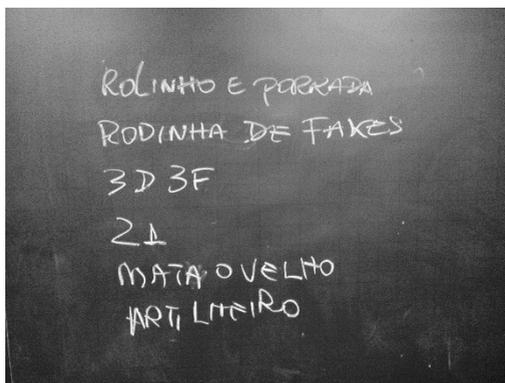
Defini irmos para a prática logo em seguida. Após orientação sobre a prática na quadra, organizamos os grupos e as atividades. Cada grupo ficou com a incumbência de apresentar o tipo de futebol que conhecia além do jogo tradicionalmente cultivado. Assim, ficaram pensando em grupos e registrei em lousa as atividades, grupos e datas para a prática.

Figura 2 - Registro na lousa sobre a temática



Fonte: Elaboração do autor

Figura 3 - Registro dos saberes vivenciados



Fonte: Elaboração do autor

Ficou definido o seguinte: a) grupo 1 com o “artilheiro”; b) grupo 2 como três dentro e três fora; c) grupo 3 com rolinho e porrada; d) grupo 4 com bobinho; e) grupo 5 com três toques; f) jogo com as regras tradicionais, mas com 4 equipes ao mesmo tempo; g) grupo 6 com jogo com regras como: sem lateral e só vale o gol dentro da área do goleiro e h) grupo 7 com pega-pega com bola.

Iniciamos na segunda metade do mês de agosto e terminamos, estas práticas dos grupos, na primeira quinzena de setembro.

Para auxiliar no processo de registro solicitei a uma aluna que não estava participando devido a limitações relacionadas a saúde que escrevesse e registrasse por meio de imagens e/ou vídeos.

AS PRÁTICAS

O primeiro grupo reuniu as/os demais no centro da quadra para orientar sobre as atividades. Organizaram e a prática iniciou.

Figura 4 - Trocando saberes e organizando coletivamente



Fonte: Elaboração do autor

Ao dar início alguns alunos e algumas alunas estavam próximos/as observando as duplas praticarem e disseram:

“Os moleques nunca jogaram artilheiro mano?”

“Teve quem quis colocar só os amigos”

Nesta atividade apenas duas meninas participaram e o aluno que é acompanhado pela profissional psicopedagoga interagiu em toda a aula. Seis alunos não interagiram, mas ao final da atividade um aluno do grupo que estava apresentando a atividade disse:

“Temos mais dois minutos antes de acabar a aula, quem não jogou quer jogar?”

Assim, dois meninos que estavam fora da prática resolveram participar. É importante dizer que as aulas não foram sequenciais. Uma era a primeira aula do período e a outra na quarta aula.

Na segunda atividade, três dentro e três fora, 15 pessoas iniciaram a vivência, 11 meninos e quatro meninas. A atividade é de marcar o ponto, mas com a bola ao alto. Nesta atividade não identificamos, pelo menos onde estávamos, nenhuma voz sobre a prática.

Figura 5 - atividade de 3 dentro 3 fora



Fonte: Elaborado pelo autor

Na atividade de “rolinho e porrada” se manifestou de forma diferente. Na solicitação, no mapeamento inicial, o grupo que definiu de forma acanhada a prática, se espantou com a possibilidade, “fizeram festa”, inclusive com outros alunos. Nos encontros “de corredor” ou até mesmo no refeitório e outros espaços, ao longo da semana, parte da sala demonstrava expectativa para o dia da apresentação.

Chegou o dia da apresentação deste grupo foi organizado para a fala de orientação no meio da quadra. Um dos alunos, preocupado com a “violência” da brincadeira para com as demais pessoas do grupo diz:

“Quem não quiser brincar vai ter que sair”.

“Ponto de segurança atrás do gol”.

O grupo foi testando algumas regras ao longo da atividade. Subtraindo quem estava apresentando e quem não participou, 18 vivenciaram inicialmente. Começa com dois toques para quatro no máximo. O olhar não foi apenas do grupo. As/os demais ajudaram na elaboração de novas regras.

O número de participantes alterava a cada “rodada” de parada para ver se a regra estava de acordo com o que eles decidiam.

Para o grupo dos “três toques linha” com duas pessoas por vez foi apresentado para as/os demais da turma. Consiste na dupla tocar apenas 3 vezes na bola e chutar em direção a meta tentando fazer o gol. Caso quem estiver como goleira/o evitar o ponto, esta/este sai da meta e vai organizar uma dupla.

Como no grupo anterior, este mudou a regra utilizando o outro lado da quadra e tempo. Também inserir a regra de três tentativas no máximo para cada dupla tentar fazer o ponto.

Nesta atividade, ao saírem da quadra, alguns comentários foram registrados como:

“A dupla que mais chutou foi ...”

“Também só dava bica”.

Em outra aula o grupo das 4 equipes para o jogo apresentou. Primeiro tentou-se 4 locais para a marcação do ponto, mas ao longo da atividade alteraram as regras.

“Mó panela”.

“As meninas jogando mano”.

“Oxe, esse jogo está confuso”.

“Oxe, cobrando lateral com a mão?”

Dividiram para o jogo convencional, mas com 5 minutos cada jogo.

O grupo que fez a regra sem lateral e que para ter o ponto só poderia o chute dentro da “área do goleiro” teve que adaptar também. Foi sentido uma diferença grande por quem vivenciou essa atividade.

“Se é loco, fazer gol assim não dá, é muito difícil”

“Fica na cara do gol aí não dá”

“É mais fácil pra mim que jogo no gol”

“Tem que sentar a bicuda se não sem chance”

Finalizando o grupo com pega-pega com a bola. Iniciou com a condição da bola pela linha até relar em alguém que automaticamente seria o/a pegador/a dando continuidade à atividade. Perceberam que poderiam inserir mais uma bola no jogo e assim o fizeram. Também acrescentaram coletes para identificar quem estava pega/o.

Ao término das atividades propostas fizemos um debate sobre o futebol e suas inúmeras formas de vivenciá-lo. O que se destacou, pelo menos neste momento, foi a atividade de rolinho e porrada.

“Carai professor tomei bicuda pra caraca”.

“Foi da hora”.

“Nossa o (aluno X) só dava carrinho kkk”.

“Não sabia que podia prof”.

“Quería mais, aí pegava (aluno Y) kkk”.

“Sem chance, é muito violento, isso não é pra mim”.

“Fiquei preocupada com (aluno W)”.

“Caramba prof, achei que o Sr. Não ia deixar eu participar”.

“Dei bicuda mesmo, acham que menina não consegue né, tomaram bonito”.

Voltamos para as aulas em sala de aula e a partir destes registros fomos debatendo em grupos e/ou individualmente sobre o que pode ser lido como violência a partir da leitura de mundo de cada um.

Também procurei relacionar as atividades desta turma fora da aula de EF com a própria aula. Ou seja, a prática é comum nos “cantos da escola” e estranham quando é problematizada na quadra, na vivência nas aulas.

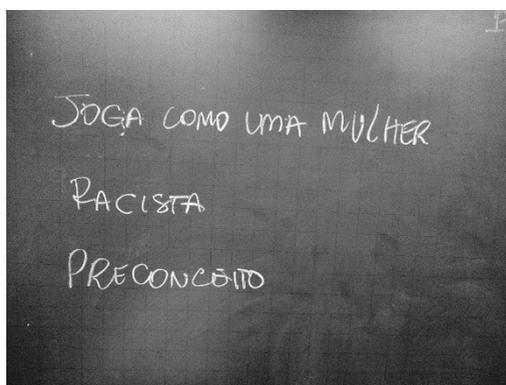
APITO FINAL? NÃO.

A partir do momento que se ressignificou, pelas vozes registradas, a prática corporal de “rolinho e porrada”, nas aulas como tema de futebol,

foi possível a mudança de rota utilizada foi significativa. No primeiro mapeamento pensando no jogo de futebol e a copa do mundo, as brincadeiras, a partir de ações que o futebol também tem, foram se orquestrando ao longo das aulas. De certa forma, rompe com certas leituras fixas sobre o tema a ser problematizado e o que pode ser construído nas aulas.

Trouxe a relação direta entre o que se faz “fora” da aula e que pode ser debatido, vivenciado na aula. Aproxima a (s) realidade (s) de outras, possibilitando, a partir das trocas de saberes e leituras de mundo, novas formas de leitura de si e, conseqüentemente, de sua prática, ou não.

Figura 6 – Registro das vozes sobre praticar o futebol



Fonte: Elaboração do autor

Ao relacionarem suas vivências nas aulas com os registros iniciais, a turma pode realizar, pelo menos teve o direito garantido, de rever certas leituras sobre a prática corporal. As vivências, em certos momentos, foram significativas para determinados discursos e posições, incluindo, sem dúvida, a questão da violência e seus espaços que ora são permitidos ora não, ou seja, a violência tende a ser seletiva.

É importante registrar neste ensaio que foram inúmeras as possibilidades de problematização e o que foi produzido neste espaço curto de tempo foi o possível dentro da(s) realidade(s) enfrentada(s).